

FRUIÇÃO ESTÉTICA: UMA LEITURA DOS AUTORES CLÁSSICOS DA LITERATURA OCIDENTAL

AESTHETIC APPRECIATION: AN INTERPRETATION OF THE CLASSICAL AUTHORS OF WESTERN LITERATURE

Thiago Lourenço da Silvaⁱ

 <https://orcid.org/0009-0000-1874-5017>

Resumo: Diante da fragmentação do conhecimento na contemporaneidade, este artigo situa a Literatura como um espaço privilegiado de convergência interdisciplinar, adotando a metáfora do caleidoscópio para examinar a multiplicidade de sentidos do texto literário. O estudo articula as concepções de educação estética, de Friedrich Schiller ([1793] 2017), a crítica arquetípica, de Northrop Frye (2017), e a perspectiva histórica da forma, de Salvatore D'Onofrio (2004, 2006), com o objetivo de investigar o papel da Literatura e da Arte na formação integral do sujeito. Sob uma abordagem teórica e comparativa, o argumento central defende que a vivência estética atua como mediação indispensável entre a razão e a sensibilidade, superando a dicotomia entre forma e conteúdo. Conclui-se que, ao girar as lentes desse caleidoscópio teórico, a Literatura se consolida como um sistema expressivo vital para a emancipação humana, operando não apenas no nível da fruição estética, mas também na reconfiguração ética do olhar sobre o mundo.

Palavras-chave: literatura; estética; imaginário; caleidoscópio literário; humanidades.

Abstract: *In the face of the fragmentation of knowledge in contemporary society, this article positions Literature as a privileged space of interdisciplinary convergence, adopting the metaphor of the kaleidoscope to examine the multiplicity of meanings within the literary text. The study brings into dialogue Friedrich Schiller's conceptions of aesthetic education ([1793] 2017), Northrop Frye's archetypal criticism (2017), and Salvatore D'Onofrio's historical perspective of form (2004, 2006), with the aim of investigating the role of Literature and Art in the integral formation of the subject. Through a theoretical and comparative approach, the central argument maintains that aesthetic experience functions as an indispensable mediation between reason and sensibility, overcoming the dichotomy between form and content. It concludes that, by turning the lenses of this theoretical kaleidoscope, Literature is consolidated as a vital expressive system for human emancipation, operating not only at the level of aesthetic enjoyment but also in the ethical reconfiguration of one's view of the world.*

Keywords: literature; aesthetics; imaginary; literary kaleidoscope; humanities.

DOI: 10.22478/ufpb.2764-4251.2026.n1.78126

Recebido em: 08/03/2026

Aprovado em: 14/07/2026

ⁱ Mestrando em Letras e Linguística pela Universidade Estadual de Goiás (UFG). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0009324130239248>. E-mail: thiagosilvaueg@gmail.com.

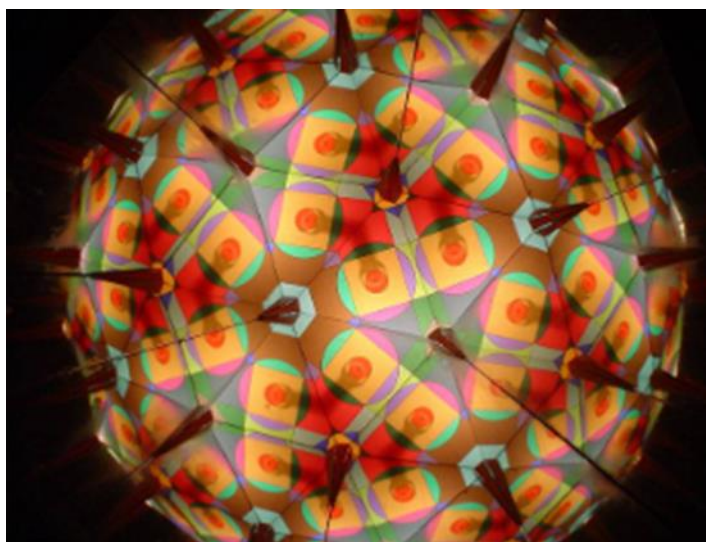


1 INTRODUÇÃO

(O mundo onde quer viver é um mundo humano, e não objetivo: não é um ambiente, mas um lar; não é o mundo que você vê, mas o mundo que quer construir com o que vê - Northrop Frye).

Pensar a Literatura e as humanidades em diálogo implica reconhecer que o texto literário não é um objeto isolado, autossuficiente ou hermeticamente fechado. Ao contrário, ele emerge como um espaço de cruzamento – histórico, filosófico, simbólico e sensível – no qual múltiplas formas de conhecimento se encontram e se tensionam. É nesse sentido que a metáfora do caleidoscópio se mostra particularmente fecunda para este estudo: cada giro do olhar revela uma nova combinação de formas, cores e sentidos, sem que os elementos constituintes deixem de ser, em essência, os mesmos. Segue a imagem do caleidoscópio ilustrando a multiplicidade de perspectivas que compõem a educação estética e o imaginário. Assim como os fragmentos coloridos se reorganizam a cada movimento, as ideias dos autores dialogam e produzem novas interpretações. Cada combinação revela diferentes possibilidades de leitura. O caleidoscópio simboliza a riqueza e a diversidade, representando o caráter plural da experiência estética.

Figura 1: imagem figurativa do caleidoscópio



Fonte: <http://manualidades.innatia.com/c-manualidades-reciclado/a-como-hacer-un-caleidoscopio-casero-instrucciones-y-materiales-7360.html>

A escolha dessa metáfora não é aleatória, mas reside na própria etimologia do termo. Composto pelas raízes gregas *kalos* (belo), *eidos* (forma) e *skopein* (olhar), o instrumento designa a ação de “ver belas formas”. Tais conceitos antecipam a estrutura teórica, sendo elas:

a busca pelo belo como princípio humanizador, a organização da forma literária e arquetípica e o olhar ativo do leitor que, ao girar o instrumento, reconfigura as imagens do imaginário. Dessa forma, o caleidoscópio se torna uma analogia precisa do funcionamento da literatura, sendo um sistema onde elementos fixos do imaginário humano se rearranjam, produzindo novos sentidos a cada leitura.

Nesse cenário, o professor se vê hoje desafiado pelo papel que ocupa na formação do jovem contemporâneo. A tarefa não é apenas transmitir conteúdo, mas capacitar o estudante a exercer sua cidadania com responsabilidade social e ética, preservando sua autonomia. Há uma urgência em possibilitar o diálogo intercultural entre as diversas áreas do saber e as diferentes dimensões do ser humano, contemplando tanto suas faculdades intelectuais quanto sensíveis.

A estética, enquanto campo de reflexão sobre o sensível e o imaginativo, ocupa um lugar central nesse processo. Em Friedrich Schiller (2017), ela aparece como via de reconciliação entre razão e sensibilidade; em Northrop Frye (2017), como estrutura simbólica que organiza os mitos da cultura; e, em Salvatore D'onofrio (2004), como chave de leitura da Literatura enquanto sistema expressivo e histórico. A partir dessas perspectivas, este artigo propõe uma reflexão sobre os diálogos estéticos que atravessam as Humanidades, entendendo a Literatura como um verdadeiro caleidoscópio de olhares, no qual Ética, Filosofia, História e Imaginação se refletem mutuamente.

Para compreender a literatura em sua profundidade, é necessário superar o senso comum que opõe o imaginário ao real. O imaginário não é uma fuga da realidade, mas sim uma estrutura essencial de organização da experiência humana, um reservatório de sentidos que permite ao indivíduo e à coletividade processar sua existência e criar mundos possíveis.

Nessa perspectiva, a literatura se afirma como um espaço privilegiado de mediação entre o sujeito e o mundo, pois nela as experiências humanas são simbolicamente reelaboradas, permitindo ao leitor uma compreensão mais profunda de si e do outro. Como destaca Antonio Candido (2023), a literatura exerce uma função humanizadora ao organizar o caos da experiência e conferir forma às emoções, aos conflitos e às contradições sociais. Assim, o texto literário não apenas reflete a realidade, mas a interpreta, tensiona e, muitas vezes, a reinventa, instaurando um campo fértil para o pensamento crítico e para a sensibilidade ética.

Ao articular-se com outras áreas das Humanidades, a Literatura amplia seu potencial formativo, favorecendo uma leitura plural dos fenômenos históricos, culturais e filosóficos. A narrativa, o poema e o drama tornam-se, nesse sentido, dispositivos de memória e de questionamento, capazes de dialogar com discursos científicos, historiográficos e pedagógicos



sem perder sua especificidade estética. Essa intersecção possibilita ao leitor perceber que o conhecimento não se constrói de modo fragmentado, mas em redes de significação que se entrelaçam e se iluminam mutuamente.

Dessa forma, pensar a Literatura como um caleidoscópio implica reconhecer seu caráter dinâmico e relacional, no qual cada leitura produz novos arranjos de sentido. O texto literário permanece aberto, suscetível às transformações do tempo, do contexto e do olhar do leitor, reafirmando sua vitalidade no âmbito das Humanidades. É nesse movimento contínuo de diálogo e ressignificação que a Literatura se consolida como prática estética e ética, capaz de formar sujeitos sensíveis, críticos e conscientes de seu papel no mundo contemporâneo. Portanto, neste artigo, abordam-se conjuntos de reflexões à luz da Educação Estética, compreendida como espaço de escuta, de experiência e de abertura às múltiplas perspectivas que atravessam as Humanidades.

2 DA FRAGMENTAÇÃO À LIBERDADE: O SUJEITO EM SCHILLER

Nas *Cartas para a educação estética do homem* ([1793] 2017), o poeta e dramaturgo alemão Friedrich Schiller propõe, a partir das bases kantianas que lhe são influentes, uma discussão sobre a relação entre Estética e as demandas sociais e políticas do homem moderno. Para o autor, o estado de carência do homem diante de tais demandas se dá pela perda de sua humanidade, de sua completude humana e de sua liberdade na era moderna, que, por sua vez, é consequência de uma comunidade de homens divididos, sujeitos distantes de alcançar alguma totalidade. Para o filósofo, a Arte e a Beleza podem ser entendidas como possibilidade de recuperação daquela totalidade, e, portanto, aparecem como objeto imediato de confrontação para qualquer um que queira pensar a situação política de seu tempo.

Para entender o papel da literatura na formação humana, é preciso primeiro diagnosticar a condição do sujeito moderno. As *Cartas sobre a Educação Estética do Homem*, de Schiller, oferecem um ponto de partida essencial. Nessa obra, o autor identifica um panorama em que a cultura está fragmentada e os indivíduos, isolados em esferas especializadas, perderam a integridade que outrora harmonizava razão, sensibilidade e vontade. Nesse âmbito, são discutidos temas relativos à natureza do homem em seu estado moral. E para o desenvolvimento desse estado moral, segundo o filósofo, é imperativa a intervenção de uma Educação Estética, capaz de humanizá-lo.



A proposta de Schiller de uma educação estética como via de reconciliação encontra eco no conceito de *mundus imaginalis*, de Henri Corbin. O filósofo descreve esse espaço não como irrealidade, mas como “um universo mediano e mediador, um intermundo entre o sensível e o inteligível” (Corbin, 1972, s/p). Da mesma forma que Schiller vê no impulso lúdico a chave para harmonizar as faculdades humanas, Corbin alerta que, sem esse intermundo imaginário a articulação entre nossa sensibilidade física e nosso intelecto ficaria bloqueada.

Schiller (2017) nos apresenta uma leitura antropológica dual: o homem pode estar oposto a si mesmo como “selvagem”, quando os sentimentos imperam desordenadamente sobre os princípios, ou como “bárbaro”, quando os princípios racionais destroem seus sentimentos. O desafio da formação humana é superar essa dicotomia para alcançar o “homem cultivado”, aquele que faz da natureza uma amiga e honra sua liberdade.

O cerne do argumento schilleriano é que a solução para esse impasse político e moral passa, necessariamente, pela estética. A natureza humana é composta por dois impulsos fundamentais: o impulso sensível (*Stofftrieb*), que nos liga ao mundo físico e às necessidades, e o impulso formal (*Formtrieb*), que nos direciona para a ordem e a moralidade. O equilíbrio entre eles reside no “impulso lúdico” (*Spieltrieb*), que se manifesta na experiência da beleza e da arte. Ao fruir a arte, o sujeito experimenta a forma viva: a matéria ganha forma, e a forma ganha vida. É nesse estado de suspensão estética que reside a verdadeira autonomia política e social, pois um indivíduo incapaz de harmonizar suas próprias faculdades internas dificilmente será capaz de construir uma sociedade livre e justa.

Essa busca por equilíbrio é central na visão schilleriana sobre a Educação Estética, que visa justamente harmonizar esses impulsos para que o indivíduo possa alcançar uma existência plena, em que razão e emoção, forma e matéria, estejam em perfeita sintonia. Dessa forma, o ser humano se realiza plenamente, tanto no plano individual quanto no social, contribuindo para a formação de uma sociedade mais equilibrada e harmoniosa. Durand ressalta igualmente, em suas reflexões, que a arte é um dos produtos mais potentes e reveladores dessas atitudes imaginativas, que realizam a mediação entre o eterno e o temporal e constituem “a própria atividade dialética do espírito” (Durand, 1997. p. 97).

Nessa obra, Schiller (2017) traz o panorama da sociedade, em que a cultura moderna está fragmentada, com os indivíduos isolados em esferas especializadas e desconectadas. Há uma perda da humanidade, que outrora harmonizava razão, sensibilidade e vontade. Essa fragmentação impede a realização da verdadeira liberdade e a solução está na educação estética. Schiller (2017, p. 31) lê o ser humano da seguinte forma:



O homem, porém, pode opor-se a si mesmo de duas maneiras: como um selvagem, quando seus sentimentos prevalecem sobre seus princípios, ou como um bárbaro, quando seus princípios destroem seus sentimentos. O selvagem despreza a arte e reconhece a natureza como sua soberana irrestrita; o bárbaro zomba da natureza e a desonra, mas continua sendo um escravo, muitas vezes de modo mais desprezível do que o selvagem. O homem cultivado faz da natureza sua amiga e honra sua liberdade, na medida em que apenas coloca rédeas em sua arbitrariedade.

Na condução seguinte de sua base filosófica, Schiller (2017) parte de uma construção elevada do homem nas Cartas X e XI, do como ele foi criado, para o seu propósito diante do mundo:

Disso surgem as duas tendências opostas no homem, as duas leis fundamentais da natureza sensível-racional. A primeira exige realidade absoluta: ela deve transformar tudo o que é mera forma em mundo e trazer todas as suas disposições à aparência. A segunda exige formalidade absoluta: ela deve aniquilar dentro de si tudo o que é meramente mundo e introduzir coerência em todas as suas modificações; em outras palavras, deve exteriorizar tudo o que é interno e dar forma a tudo o que é externo (Schiller, 2017, p. 57).

A partir da Carta XVII o filósofo se detém a discutir condições da formação do homem pela sensibilidade, defendendo que não é possível que o homem seja racional e sensível, sem ter sido antes, estético: “pela beleza, o homem sensível é conduzido a forma e ao pensamento, pela beleza, o homem espiritual e reconduzido a matéria e entregue de volta ao mundo sensível” (Carta XVIII, p. 91).

O objetivo principal da obra, então, é argumentar que a Educação Estética é essencial para o cultivo da liberdade interior e exterior do homem. A evolução do homem, portanto, perpassa três estágios: o físico, o estético e o moral. No estágio físico, o homem é passivo, refém da necessidade natural e de suas percepções imediatas. Para ascender à verdadeira liberdade moral, ele precisa de uma ponte: o estágio estético. É a contemplação da beleza que suaviza a voracidade dos instintos e permite ao indivíduo um distanciamento reflexivo. Como aponta Schiller, o homem que era escravo da natureza quando apenas a sentia, torna-se seu legislador quando a pensa. A beleza atua, assim, como mediação, unificando matéria e forma, provando que sensibilidade e moralidade podem coexistir. Sem essa educação da sensibilidade, a liberdade política e moral permanece uma abstração inalcançável.

3 A ARQUITETURA DO IMAGINÁRIO E A FORMA: FRYE E D’ONOFRIO



Se Schiller (2017) foca na estruturação interna do sujeito, Northrop Frye (2017) e Salvatore D'onofrio (2006) nos ajudam a compreender a estrutura do objeto literário e seu papel na construção do imaginário coletivo. É fundamental pensar a literatura não como um caos de obras isoladas, mas como um conjunto de olhares humanizantes. Frye, em obras como *Anatomy of Criticism* and *The Great Code* defende que a literatura é uma "ordem de palavras" coerente, estruturada por arquétipos e mitos que se repetem e se transformam. Os clássicos não permanecem vivos apenas por capricho acadêmico, mas porque oferecem modelos simbólicos duradouros para compreendermos o mundo, o outro e a nós mesmos.

Para o crítico, a imaginação é "educada" pelo contato com essas formas literárias. A literatura não apenas representa a realidade (mímesis), mas a recria, oferecendo uma visão expandida do possível. Cada texto literário funciona como um espelho multifacetado onde se refletem valores e desejos universais. No ato da leitura, o leitor não apenas decodificando um texto, mas entrando em uma "grande conversa" da Humanidade, onde passado, presente e futuro se unem no mesmo eixo temporal da recepção.

Nesse contexto, o valor da literatura reside na experiência estética que ela produz, Frye assevera:

O ponto simples é que a literatura pertence ao mundo que o homem constrói, não ao mundo que ele observa; ela pertence ao seu lar, não ao seu ambiente. O mundo literário é um mundo humano concreto de experiência imediata. O poeta faz uso muito maior de imagens, objetos e sensações do que de ideias abstratas; o romancista preocupa-se em contar histórias, não em estruturar argumentos. O mundo da literatura é humano em sua forma: é um mundo em que o sol nasce a leste e se põe a oeste sobre a borda de uma terra plana e tridimensional; em que as realidades primárias não são átomos ou elétrons, mas corpos, e as forças primárias não são energia ou gravidade, mas amor, morte, paixão e alegria. Não é surpreendente que os escritores tendam a ser pessoas bastante comuns, não o tipo de intelectuais que imaginamos, e certamente não mais livres de tolice ou vício do que qualquer outra pessoa. O que nos interessa é o que eles produzem, não quem eles são; e a poesia, segundo Milton, que conhecia o seu ofício, é "mais simples, mais sensual e mais apaixonada" do que a filosofia ou a ciência (Frye, 2017, p. 11).

Sem esse repertório simbólico, a imaginação fica presa apenas à realidade imediata. A educação da imaginação proposta por Frye funciona como um ato de resistência e de autoconhecimento. Ao reconhecer os padrões arquetípicos como a jornada do herói, a queda, a redenção, o leitor contemporâneo deixa de ver seus dramas pessoais como isolados e passa a enxergá-los como parte de uma experiência humana compartilhada. A literatura devolve ao sujeito a posse de sua própria herança cultural. Frye (2017) reforça para não cair no extremo oposto da questão, isto é, não considerar que a literatura seja mero escapismo da realidade, mas

um modo sério e poderoso de examinar o ser humano, uma vez que muitos escritores encaram a arte literária com comprometimento moral e intelectual.

Comumente, essa visão dos arquétipos em Frye dialoga profundamente com a antropologia de Gilbert Durand. Para Durand (1997), o imaginário não é um devaneio isolado, mas constitui o verdadeiro capital pensado do *homo sapiens*. Assim, quando Frye (2017) aponta a recorrência dos mitos na literatura, ele está mapeando justamente como esse capital simbólico se organiza e se perpetua na cultura ocidental.

Nesse processo, Frye ressalta que toda experiência literária envolve dois tipos de resposta: uma resposta direta e pré-crítica, mais sensível e emocional, que ocorre durante o contato com a obra; e uma resposta crítica e consciente, que vem depois e permite comparar aquela experiência a outras semelhantes. Com o tempo e a prática, a resposta crítica refina a pré-crítica, aperfeiçoando o gosto literário e ampliando a percepção estética do leitor. É nesse movimento contínuo que se configura uma verdadeira educação estética, entendida não como acúmulo de juízos técnicos, mas como formação gradual da sensibilidade e da imaginação.

Ao ser compreendida como um conjunto de experiências estéticas, a literatura passa a atuar como um espaço privilegiado de mediação entre o indivíduo e o universo simbólico da cultura. Cada produção literária amplia o repertório imaginativo do leitor e contribui para a construção de uma consciência estética mais complexa, capaz de reconhecer padrões, variações e ressonâncias entre diferentes textos e tradições. Desse modo, a educação estética não se limita a reações individuais a obras isoladas, mas se consolida como uma experiência formadora contínua, na qual o imaginário é educado pela recorrência, pela comparação e pela reflexão.

Há ainda uma dimensão mais ampla desse processo: a experiência literária como um todo passa a ser vivida como uma forma de posse cultural. O leitor educado esteticamente incorpora mitos, imagens e estruturas narrativas que enriquecem sua visão de mundo e aprofundam sua compreensão da realidade. Assim, as experiências estéticas promovidas pela literatura contribuem para a formação de sujeitos mais atentos à complexidade do humano, capazes de articular emoção e crítica, sensibilidade e pensamento, fazendo do imaginário não apenas um espaço de fruição, mas também de conhecimento e liberdade.

Essa visão dialoga diretamente com a contribuição de Salvatore D'onofrio (2006), que aterra a discussão na dimensão histórica e formal. Para D'Onofrio (2006), o texto literário é inseparável de sua dimensão humana concreta: ele nasce de conflitos sociais, culturais e existenciais. A forma literária não é um adorno, mas um elemento estruturante de sentido. A



escolha de um gênero, de um narrador ou de um ritmo constitui, em si, um posicionamento estético e ideológico no mundo.

Ao enfatizar o caráter crítico da literatura, o antropólogo aproxima o debate estético das humanidades de modo explícito. A obra literária questiona, tensiona e, muitas vezes, subverte a realidade. Nesse processo, estabelece diálogos com a filosofia, a sociologia e a história. É exatamente na intersecção entre a estrutura arquetípica (Frye, 2017) e a consciência histórica da forma (D’Onofrio, 2006) que a literatura revela sua potência educadora.

4. A METÁFORA DO CALEIDOSCÓPIO COMO PRÁTICA DE LEITURA

A metáfora do caleidoscópio permite, então, sintetizar essa articulação entre a formação do sujeito e a estrutura da obra. A literatura se apresenta como um campo de movimento constante: não há um único centro interpretativo, mas múltiplos eixos que se cruzam e se reconfiguram. Tal como no caleidoscópio, onde os fragmentos coloridos são sempre os mesmos, mas as imagens mudam a cada giro do tubo, na literatura os elementos constituintes - os arquétipos, as palavras, as emoções humanas - são constantes. O que muda é a configuração de sentido produzida pelo olhar do leitor e pelo contexto histórico.

A educação estética, nesse enquadramento, deve ser compreendida como um processo que se constrói na própria relação entre forma, linguagem e tradição cultural. Não se trata de um campo acessório, mas de uma dimensão estruturante do pensamento literário, na medida em que possibilita a articulação entre sensível e inteligível sem reduzi-los a polos antagônicos. A experiência estética opera, assim, como um princípio organizador que permite à obra literária manter-se aberta, atravessada por tensões históricas e simbólicas que se atualizam continuamente.

Em Schiller (2017), essa dinâmica se manifesta na liberdade do jogo estético. Em Frye (2017), na reorganização dos mitos ao longo da tradição. Em D’Onofrio (2006), na relação crítica entre conteúdo e contexto, parecido com pensamento do com o crítico, Antonio Candido, em sua célebre obra *Literatura e Sociedade* (2003). Em todos os casos, a estética aparece como um espaço de mediação e abertura, jamais de fechamento dogmático. Para o autor, essa compreensão se ancora na ideia de que a estética instaura um espaço de liberdade que não se confunde com arbitrariedade. O jogo estético suspende a rigidez das determinações externas e cria uma zona de mediação entre necessidade e forma. A obra literária, nesse sentido, não se encerra em sua função representativa, mas se constitui como experiência que reorganiza o modo



de perceber e compreender o mundo. Essa dinâmica reforça a noção de que a literatura não opera por fechamento, mas por expansão de possibilidades.

Já em Frye (2017), a lógica caleidoscópica se manifesta na recorrência dos mitos e arquétipos que estruturam a tradição literária. As narrativas não surgem isoladas, mas dialogam com um sistema simbólico amplo, no qual formas e temas reaparecem sob novas configurações. A experiência estética, portanto, não se limita ao contato com uma obra específica, mas se estende ao reconhecimento das estruturas que atravessam diferentes épocas e culturas. O sentido emerge da reorganização desses elementos, nunca de sua fixação definitiva. Essa perspectiva permite compreender a literatura como um campo de relações em constante reconfiguração. Os elementos constituintes permanecem, mas suas articulações variam conforme os contextos históricos e culturais. Efetivamente, a obra literária se sustenta nessa tensão entre permanência e transformação, o que impede leituras totalizantes e reforça seu caráter aberto. O caleidoscópio, aqui, não é apenas metáfora ilustrativa, mas um modelo que traduz o funcionamento interno do fenômeno literário.

Essa metáfora também ilumina o ato de leitura como uma prática ativa. O leitor não se limita a receber significados prontos, ele gira o caleidoscópio. Ele mobiliza seu repertório cultural e suas experiências para produzir sentido. Do ponto de vista epistemológico, isso questiona concepções totalizantes do saber. O conhecimento literário não se funda na estabilidade rígida, mas na tensão e na pluralidade.

Nesse contexto, o papel do professor de literatura sofre um deslocamento fundamental, pois ele deixa de ser o detentor de uma interpretação definitiva para se tornar o mediador que ensina a girar o caleidoscópio. A sala de aula se transforma no espaço onde as diferentes leituras são confrontadas e negociadas. Ao apresentar Schiller (2017), Frye (2017) e D'Onofrio (2006) não como teóricos distantes, mas como lentes de aumento, o docente capacita o aluno a perceber que a obra literária suporta múltiplas camadas de verdade, exigindo uma postura ativa e investigadora.

Essa abertura estética possui implicações éticas profundas. Ao promover o contato com diferentes perspectivas, a literatura contribui para a formação de uma sensibilidade mais tolerante e reflexiva. Tal concepção confirma o pensamento de Schiller (2017): a educação estética é condição para a liberdade, pois harmoniza indivíduo e sociedade. O papel da crítica e do ensino, nesse contexto, não é encerrar o sentido da obra, mas girar as lentes, tornando visíveis as camadas de significação e assegurando à literatura sua vitalidade e atualidade.

A partir desse entendimento, a educação estética se inscreve como um movimento de circulação entre formas, sentidos e tradições, sem pretensão de esgotamento interpretativo. A literatura mantém sua vitalidade justamente porque resiste à estabilização rígida dos significados. Cada abordagem crítica atua como um novo giro do instrumento, revelando camadas que coexistem, sem se anular. Essa lógica reafirma a pluralidade como princípio constitutivo do literário.

Nesse ponto, as contribuições de Schiller (2017) e Frye (2017) convergem ao evidenciar que a estética não opera por simplificação, mas por complexificação do olhar. A obra literária torna-se um espaço de mediação no qual diferentes registros - simbólicos, históricos e imaginativos - se articulam. A experiência estética, portanto, não se orienta pela busca de uma verdade única, mas pela convivência entre múltiplas formas de significação que se refletem e se tensionam mutuamente.

Tal compreensão desloca o ensino de literatura de um modelo centrado na interpretação fechada para uma abordagem que valoriza o movimento interno da obra. O texto literário não é apresentado como objeto estático, mas como estrutura dinâmica, capaz de sustentar leituras diversas sem perder sua coerência interna. O caleidoscópio funciona, assim, como imagem do próprio processo formativo, no qual o conhecimento se constrói por rearranjos sucessivos.

Pensar a literatura a partir dessa lógica implica reconhecer que sua força reside na capacidade de articular forma e experiência sem reduzi-las a categorias estanques. A educação estética, nesse horizonte, não se apresenta como finalidade externa, mas como consequência do próprio funcionamento do texto literário. Ao preservar sua abertura e sua pluralidade, a literatura reafirma seu lugar nas humanidades como espaço privilegiado de reflexão, tensão e continuidade simbólica.

5 EDUCAR A IMAGINAÇÃO

O livro de Northrop Frye, *A Imaginação Educada* (2017), traz a experiência imaginativa. Ela não se limita a transmitir regras ou conceitos, mas proporciona um espaço em que o indivíduo pode explorar mundos diversos, sensações e perspectivas. A literatura, a arte e outras manifestações culturais funcionam como lentes caleidoscópicas, nas quais cada elemento mantém sua consistência, mas as imagens e significados se transformam a cada giro do olhar. Nesse processo, o leitor ou espectador não é passivo; ele interage com o material,



(re)organizando mentalmente elementos, confrontando experiências próprias com aquelas propostas pela obra.

A literatura, em particular, oferece ao imaginário um terreno fértil de possibilidades. Ao lidar com personagens, narrativas e cenários variados, o leitor é convidado a experimentar vidas que não são suas, a refletir sobre decisões e consequências e a compreender experiências humanas universais. A construção de mundos literários é, portanto, simultaneamente concreta e simbólica: enquanto apresenta cenas e objetos específicos, permite múltiplas leituras e significados. Essa articulação entre consistência e multiplicidade reforça a função caleidoscópica do imaginário, em que padrões se repetem, mas novas configurações surgem a cada interação. No senso comum, a palavra imaginação diz respeito à “[...] possibilidade de evocar ou produzir imagens, independentemente da presença do objeto a que se referem” (Abbagnano, 2007, p. 537). Apesar de abrangente, essa explicação destaca duas características da imaginação: a de tornar algo perceptível e a de criar algo.

Fica evidente que o imaginário não se limita ao indivíduo, mas se estende ao plano coletivo - ou, ao menos, a determinados grupos sociais. Embora se fale em “meu” ou “teu” imaginário, uma análise mais atenta revela que aquilo que alguém considera como próprio está, na verdade, ligado ao imaginário compartilhado pelo grupo do qual faz parte.

O imaginário permanece uma dimensão ambiental, uma matriz, uma atmosfera, aquilo que Walter Benjamin chama de aura. O imaginário é uma força social de ordem espiritual, uma construção mental, que se mantém ambígua, perceptível, mas não quantificável. Na aura de obra - estátua, pintura - há a materialidade da obra (a cultura) e, em algumas obras, algo que as envolve, a aura. Não vemos a aura, mas podemos senti-la. O imaginário, para mim, é essa aura, é da ordem da aura: uma atmosfera. Algo que envolve e ultrapassa a obra. Esta é a ideia fundamental de Durand: nada se pode compreender da cultura caso não se aceite que existe uma espécie de “algo mais”, uma ultrapassagem, uma superação da cultura. Esse algo mais é o que se tenta captar por meio da noção de imaginário (Maffesoli, 2001, p.75).

Aristóteles (2017) organiza a mimese em três momentos distintos. O primeiro estabelece sua relação com a *inventio*, voltada à capacidade de criar imagens e de imaginar de forma criativa. O segundo refere-se à *dispositio*, ligada à estruturação do discurso retórico e ao emprego de figuras retóricas. O terceiro momento relaciona-se à *elocutio*, que diz respeito ao estilo e às escolhas estilísticas, o que implica a configuração do universo imaginativo.

Tal organização não se encerra no ato de escrita, ela fundamenta a própria comunicabilidade da obra. Ao articular a estruturação do discurso com o refinamento estilístico, a *mimese* projeta um horizonte de expectativas que precisa ser apreendido pelo outro. Para que

o universo imaginado pelo autor ganhe sentido e verossimilhança, essas escolhas retóricas devem dialogar com códigos culturais previamente estabelecidos, transformando a técnica individual em um terreno de reconhecimento mútuo.

O contato com convenções literárias desempenha papel importante na formação do imaginário. Quando um leitor reconhece padrões de enredos, personagens ou motivos recorrentes, aprende a identificar estruturas e expectativas, compreendendo tanto o que é familiar quanto o que é inovador. Essa familiaridade cria um ponto de partida seguro para a exploração criativa, permitindo que novas possibilidades sejam experimentadas com consciência. A literatura popular, mesmo em suas formas mais simples, cumpre essa função: fornece repertórios de arquétipos e situações que se repetem, servindo como treino para o desenvolvimento da percepção estética.

A ironia e a perspectiva crítica são ferramentas essenciais na educação do imaginário. Por meio do distanciamento, o indivíduo aprende a observar situações complexas sem se deixar consumir por elas, reconhecendo tensões e contradições de forma consciente. Narrativas que utilizam humor, sarcasmo ou observações sutis incentivam o leitor a refletir sobre relações humanas, escolhas morais e dilemas cotidianos. Esse exercício fortalece a imaginação ao permitir que o mundo seja visto sob múltiplos ângulos, aproximando o indivíduo da capacidade de compreender diferentes pontos de vista. O texto funciona como um microcosmo de possibilidades, desafiando o leitor a reorganizar mentalmente elementos de forma criativa.

A educação estética também é um processo de reconhecimento da diversidade humana. Ao explorar diferentes culturas, épocas e contextos, o indivíduo aprende que experiências, valores e sentimentos podem ser múltiplos e variados. Esse contato amplia a empatia e a compreensão, estimulando uma postura de abertura diante de perspectivas diversas. A literatura e a arte funcionam como mediadores desse aprendizado, permitindo que realidades complexas sejam vivenciadas de forma segura, mas intensa. Ao reconhecer padrões universais e simultaneamente apreciar diferenças, o leitor desenvolve a capacidade de integrar múltiplas perspectivas, um traço essencial do imaginário caleidoscópico.

O aprendizado da imaginação também se dá por meio do contato com situações impossíveis ou extraordinárias. Ao explorar mundos fantásticos, paradoxos e possibilidades aparentemente irrealis, o leitor desenvolve flexibilidade mental, criatividade e capacidade de abstração. Essas experiências ampliam a percepção estética, permitindo compreender que a realidade não se limita ao que é imediatamente observável. Cada narrativa serve como laboratório de sentidos, no qual se treinam habilidades cognitivas e emocionais

simultaneamente. A educação estética, nesse contexto, promove equilíbrio entre racionalidade e sensibilidade, fantasia e lógica.

Retomamos, o movimento da imaginação mencionado anteriormente, que articula sobre a imaginação, melhor, educar o nosso imaginário. Educar a imaginação é, portanto, cultivar a capacidade de perceber, refletir e criar simultaneamente. Cada produção literária, musical ou visual funciona como um caleidoscópio: elementos constantes são reorganizados em múltiplas configurações, oferecendo novas interpretações a cada experiência. A educação estética forma leitores e espectadores capazes de integrar emoção, razão e sensibilidade, reconhecendo padrões e inovando sobre eles. O imaginário se torna instrumento para compreender a vida, explorar possibilidades e gerar novas ideias. A educação estética, assim, revela-se essencial para formar seres humanos sensíveis, críticos e ativos na construção de sentido. É por esse caminho que trilhamos, ao longo deste trabalho, um percurso teórico reflexivo sobre perspectivas caleidoscópicas do imaginário.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como se pode verificar, a proposta de ler a Literatura sob a ótica de um caleidoscópio revelou-se, ao longo deste percurso, não apenas uma metáfora estética, mas uma ferramenta epistemológica necessária para a reflexão contemporânea. Ao colocar em diálogo as perspectivas de Schiller (2017), Frye (2017) e D'Onofrio (2006), observa-se que o texto literário não é um objeto estático, mas uma estrutura viva que se atualiza no ato da leitura e na interação com cada contexto.

Schiller (2017) compreendeu que a base dessa formação humana reside na reconciliação entre o impulso sensível e o formal. Sem a educação estética, o indivíduo permanece fragmentado; é na experiência do belo que a liberdade se torna possível. Northrop Frye ampliou essa visão ao demonstrar que nossa imaginação é "educada" por códigos e arquétipos ancestrais, inserindo o leitor na continuidade da cultura humana. Por fim, Salvatore D'Onofrio (2004) trouxe a indispensável dimensão da concretude histórica, lembrando que a obra literária é testemunho e construção crítica.

Sob essa ótica, as abordagens não se sobrepõem por rivalidade, mas se harmonizam, revelando que a compreensão integral do sujeito exige, simultaneamente, a sensibilidade estética, a memória arquetípica e a consciência histórica. Conclui-se, portanto, que a literatura atua como o eixo central desse caleidoscópio, tendo a imaginação como sua força motriz. Mais



do que um mero refúgio fantasioso, a imaginação literária é uma potência ordenadora, pois é ela que permite ao sujeito suspender a realidade imediata para vislumbrar outras possibilidades de ser e estar no mundo. Portanto, para a formação integral do indivíduo, o desafio é manter esse instrumento em movimento: girar as lentes para perceber que, entre a ética, a estética e a história, não há separação, mas sim reflexos mútuos. Em tempos de fragmentação do saber, a perspectiva caleidoscópica reafirma a literatura como o lugar privilegiado da integração, da empatia e da emancipação humana.

A perspectiva caleidoscópica aqui defendida também contribui para superar dicotomias tradicionais presentes nos estudos literários. Razão e sensibilidade, forma e conteúdo, imaginação e realidade deixam de ser compreendidas como polos opostos para serem percebidas como dimensões complementares de um mesmo processo formativo. A literatura demonstra que o conhecimento humano não se constrói apenas pela lógica e pela objetividade, mas também pela capacidade de criar imagens, símbolos e narrativas que conferem sentido à experiência vivida.

Além disso, reconhecer a centralidade do imaginário significa compreender que as sociedades são constituídas por narrativas compartilhadas. Os mitos, os arquétipos e os símbolos presentes nas obras literárias continuam a influenciar modos de pensar, agir e interpretar o mundo. Ao educar a imaginação, a literatura oferece instrumentos para que o sujeito não apenas reproduza essas narrativas, mas também as questione, transforme e recrie, exercendo de maneira crítica sua liberdade intelectual e cultural.

Por fim, a educação estética revela-se como um projeto permanente de humanização. Ela convida o indivíduo a manter vivo o diálogo entre memória e criação, tradição e inovação, realidade e possibilidade. O caleidoscópio, portanto, permanece como uma imagem fecunda para representar esse movimento contínuo de formação: cada nova leitura reorganiza os fragmentos da experiência humana e produz configurações inéditas de sentido. É nessa abertura ao novo, sem perder de vista a herança cultural que nos constitui, que a literatura reafirma sua importância como instrumento de conhecimento, sensibilidade e transformação humana.

Que este trabalho incentive um olhar permeável aos símbolos, aos afetos e às formas que nos constituem, reafirmando a literatura como campo de imaginação, formação e humanização. Considerando, ademais, a leitura aqui proposta se faça espaço de encontro entre sensibilidades, onde o rigor não exclui o sentir, mas o amplia. E a imaginação, educada pelas artes, permita ver no texto aquilo que excede a técnica e toca o humano. Que o exercício crítico restitua à literatura sua potência de reorientar o olhar para o real e suas contradições. A



formação estética, longe de ser adorno, revela-se como fundamento de uma educação capaz de reconciliar pensamento, emoção e mundo.¹

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. *Poética*. São Paulo: Editora 34, 2017.

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. Todavia, 2023.

CORBIN, Henri. Mundus imaginalis ou o imaginário e o imaginal. *Cahiers de l'Université Saint Jean de Jérusalem*, Paris, v. 4, 1972.

D'ONOFRIO, Salvatore. *Literatura ocidental*. São Paulo: Ática, 2004.

D'ONOFRIO, Salvatore. *Teoria do texto 1: prolegômenos e teoria da narrativa*, 2006.

DURAND, Gilbert. *As estruturas antropológicas do imaginário*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

FOLMER, Ivanio; JOST, Itagiane (org.). *Debates contemporâneos: temas interdisciplinares*. 23. Santa Maria, RS: Arco Editores, 2026. E-book.

MAFFESOLI, Michel. *A Transfiguração do Político: a tribalização do mundo*. Porto Alegre: Sulina, 2001.

FRYE, Northrop. *A imaginação educada*. Campinas: Vide Editorial, 2017.

FRYE, Northrop. *O grande código*. Campinas, SP, Sétimo Selo, 2021.

FRYE, Northrop. *Anatomia da crítica*. São Paulo: Realizações, 2014.

SCHILLER, Friedrich. *A educação estética do homem: numa série de cartas*. Trad. Roberto. São Paulo: Iluminuras, 2017.

TODOROV, Tzvetan. *A literatura em perigo*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2021.

¹ Parte deste texto foi publicada no e-book: *Debates Contemporâneos: Temas Interdisciplinares* (v. 23), organizado por Ivanio Folmer e Itagiane Jost (Santa Maria, RS: Arco Editores, 2026).

